

## Crítica // Nosso verão daria um filme ★★★★★

## O lado divertido da sofrência

Ricardo Daehn

Há 60 anos, a paisagem da Grécia rendeu um absoluto clássico do cinema, *Zorba, o grego*, e 25 anos depois um filme sobre libertação feminina, *Shirley Valentine*. É novamente pelas ilhas sempre paradisíacas dos arredores de Atenas que o cinema impulsiona uma pérola, ainda que de alcance muito restrito e baixo orçamento. Humor e completa falta de pretensão movimentam o novo filme de Zacharias Mavroeidis, que, no título norte-americano, chama-se *Nosso*

Cena do filme *Nosso Verão Daria um Filme*

verão com *Carmen*.

Com direção de fotografia e de arte praticamente dispensáveis, diante do deslumbramento com a natureza, a comédia se afirma na tentativa de uma dupla de amigos — Demosthenes (Yorgos Tsiantoulas), um tipo viril, mas muito delicado, e Nikitas (Andreas Lampropoulos), criativo e

instável — em produzir um filme, a partir da montagem teatral *Bichas*. A edição do filme é um tanto irregular, mas o que sustenta a graça é a capacidade dos atores e ainda um humor discreto, sem excessos.

O filme vem fundamentado em questões como “auto-conhecimento é enganação” e “(sim), bissexuais existem”.

O roteiro é constituído por tópicos que contrapõem comportamentos padrões de gays e ainda as opções de rotas alteradas (e escolhas autênticas) dos protagonistas. A literal nudez do protagonista é constante, especialmente, quando ele se encontra às margens do mar. Internamente, Demos igualmente se encontra despido. Ao longo do filme, ele revive uma paixão antiga, determinada por Panos (Nikolas Mihas), não consegue se descolar dos pais problemáticos e sofre com o apego junto a um novo amor: a cachorrinha *Carmen* (com quem mantém diálogos insuspeitos e inspirados). Sorte do espectador não haver peso desmedido nas existências de Demos e Nikitas. Também é muito curioso, e raro, ouvir um filme em grego.

## Embalado pela serenidade

Tamanha a influência de Dorival Caymmi na música do Brasil, que o icônico compositor de *Eu não tenho onde morar* e *Oração de Mãe Menininha* insinuou uma premissa para movimentos como a Bossa Nova e a

Tropicália. Oito meses depois da chegada do documentário *Nas ondas de Dorival Caymmi* (assinado por Locca Faria), desponta na telona outro título: *Dorival Caymmi — Um homem de afetos*, criação de Daniela Broitman.

Para além da notável criação, ao lado de Carmen Miranda no longa *Banana da terra* (1939), com *O que é que a baiana tem?*, as canções praieiras e a malemolência ocupam a tela, com as presenças das crenças dos filhos do compositor de Samba da minha terra Dori, Nana e Danilo. Também comparecem Caetano Veloso

e Gilberto Gil, no filme que abraça anedotas de Cristiane de Oliveira, cozinheira e confidente da família. Com modo inovador de tocar violão, Caymmi segue retratado como impulsionador da música nacional no exterior, e o filme focaliza a música que investe em temas como natureza, pescadores baianos e candomblé.

## A hora de ser feliz

Sob o olhar do diretor Ricardo Alves Jr. (produtor dos premiados *A flor do buriti* e *Chuva é cantoria na aldeia dos mortos*), as atrizes Aisha Brunno, Brama Bremmer, Igui Leal e Will Soares estrelam uma fita queer: *Tudo o que você podia ser*. Avanços, conquistas e afirmações atravessam o

dia a dia, real e acrescido de traços ficcionais para todas.

Avanços nos estudos e maiores capacitações estão na vida de Aisha que, com Will, vivia um cotidiano de ampla solidariedade. Alguma repressão familiar e a superação em um tópico ligado à saúde transforma a perspectiva de Brama, enquanto a determinação e laços maternais se associam a Igui. Entre um universo de hedonismo, artifícios teatrais

Vitrine Filmes/ Divulgação

Misto de documentário e ficção: *Tudo o que você podia ser*

e um teor documental, pesa a liberdade e a vivência ligada à sexualidade das atrizes. O roteiro criado por Germano Melo equaciona

anseios, encontros e desencontros, numa ponte que desemboca em ampla rede de amor, cumplicidade e entendimento.